

A língua na/pela história: o caso dos descendentes de italiano na região de Nova Palma

Aline Pegoraro¹, Valesca Brasil Irala²

¹Bolsista do Programa de Bolsas de Desenvolvimento Acadêmico (UNIPAMPA)

²Professora da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – orientadora

alinepeg@gmail.com, valesca.irala@unipampa.edu.br

Resumo. *O sentimento de estranheza é comum ao chegar a um novo país, e defrontar-se com uma nova língua, uma nova cultura. Partindo do pressuposto que a identidade do sujeito jamais será homogênea, havendo a tendência de mescla lingüística e cultural, baseando-se então nos textos de Coracini (2007), Payer (2003), Frosi (2000), Sponchiado (1996), Santos (2006), Irala (2005) e em gravações em áudio digitalizadas, percebe-se a miscigenação lingüística existente na fala de uma parcela da população de uma região fortemente colonizada por descendentes de italianos. Na referida região, no interior do estado do Rio Grande do Sul, cidade de Nova Palma, foram encontrados registros de sujeitos que inconscientemente afirmam possuir uma identidade homogênea, mas as suas falas denunciam a existência de um sujeito híbrido. Isso acontece tanto com pessoas que tiveram como língua materna o dialeto italiano e dizem saber separar uma língua da outra no momento da fala, assim como as pessoas que tiveram como língua materna a língua portuguesa e dizem que suas falas não têm influência do dialeto italiano corrente na região. Pessoas que tiveram o dialeto italiano como língua materna, relatam a necessidade pela qual tiveram de deixar de lado sua língua por motivos históricos e sociais e também o sentimento que possuem hoje em relação à própria identidade. Em contraposição as pessoas as quais tiveram a língua portuguesa como materna, descrevem o interesse que possuem pela língua que os cerca até hoje, por viverem em uma região de colonização italiana.*

Resumen. *El sentimiento de extrañeza es común al llegar a un nuevo país, y confrontarse con una nueva lengua, una nueva cultura. Partiendo del supuesto que la identidad del sujeto jamás será homogénea, habiendo la tendencia de mezcla lingüística y cultural, basándose entonces en los textos de Coracini (2007), Payer (2003), Frosi (2000), Sponchiado (1996), Santos (2006), Irala (2008) y en grabaciones digitales, percibimos la miscegenación lingüística existente en el discurso de la población de una región fuertemente colonizada por descendientes de italianos. En la referida región, en el interior del estado del Rio Grande do Sul, ciudad de Nova Palma, fueron encontrados registros de sujetos que inconscientemente afirman tener una identidad homogénea, pero sus conversaciones delatan la existencia de un sujeto híbrido. Eso ocurre tanto con personas que tienen como lengua materna el*

dialecto italiano y dicen saber separar una lengua de la otra en el momento de la conversación, así como con las personas que tienen como lengua materna la lengua portuguesa y dicen que sus conversaciones no tienen influencia del dialecto italiano corriente en la región. Personas que tienen el dialecto italiano como lengua materna, describen la necesidad en la cual tuvieron de dejar al lado su lengua por motivos históricos y sociales y también el sentimiento que tienen hoy en relación a la propia identidad. En contraposición a las personas que tienen la lengua portuguesa como materna, que describen el interés que tienen por la lengua que los cercan hasta hoy, por vivir en una región de colonización italiana.

Palavras-chave: identidade; estrangeiro; língua.

Palabras-clave: identidad; extranjero; lengua.

1. Introdução

Este artigo tem o objetivo de analisar como alguns descendentes de italianos se sentem em um país de língua portuguesa, sendo que alguns têm como língua materna o italiano, e outros, por terem a sua língua materna o português, que atitude lingüística apresentam pela língua, por morarem em uma região de colonização italiana.

2. Pressupostos Teóricos

Logo no primeiro contato com outra cultura e principalmente com outra língua, o estrangeiro pode sentir a necessidade de deixar de lado sua língua para poder assim inserir-se em um novo idioma, o qual na maioria das vezes é desconhecido, para assim incluir-se socialmente. Existem autores que, analogicamente, situam essa experiência em uma condição semelhante à de um luto. Nessa perspectiva Derrida (apud Coracini, 2007) explica que o trabalho de luto sucede sempre a um trauma, na maioria das vezes de forma inconsciente; ter certeza de que o morto não voltará; manter o cadáver localizado em um lugar a salvo, para poder ser controlado, em decomposição.

Para muitos estrangeiros, a necessidade de “enterrar” sua língua materna para poder adquirir a nova língua é inevitável. Mesmo assim, Coracini (2007) nos afirma que o trabalho de luto pode demorar mais ou menos tempo, dependendo de cada um, até que o sujeito se convença que o objeto amado não existe mais. Outros estrangeiros fazem um trabalho de luto inverso, o de zelar para que o morto permaneça vivo, de ser fiel às raízes, conservar o passado como se fosse o presente. O sujeito não quer e não permite que se instale o novo. Resistência inconsciente em admitir perdas.

Tendo em vista esta visão de Coracini sobre o novo que quer se instalar, também existem os estrangeiros que se negam a deixar suas tradições, sua língua, para se inserir na cultura de um outro povo que não é o seu. Mas mesmo realizando um trabalho de luto para esquecer ou não o morto, Coracini afirma que a identidade do sujeito será uma

identidade instável, movediça onde será difícil se definir até que ponto se é brasileiro ou italiano, por exemplo.

Reafirmando o que diz Coracini, Payer (2003) ressalta os modos de aparecimento e funcionamento da língua italiana apagada da história brasileira. Em relação à língua, levando-se em consideração as noções de forma material, de apagamento e silenciamento, passa-se a estudar então o processo histórico da língua dos imigrantes, processo esse que existe até hoje, onde se encontram traços do italiano como língua historicamente apagada na prática oral da linguagem.

Uma história de imigração onde mais de uma língua se fez presente, o sujeito falante não se constituiria apenas pelo português, mas também pela língua “apagada”, ou simplesmente por elementos dela de maneira em que afirma possuir uma identidade homogênea, formada apenas pela língua do seu desejo. Desse modo estranho, a língua comparece no interior do seu processo de esquecimento pelo sujeito.

Considerando-se então a situação em que há uma necessidade histórica para esquecer essa língua, seja uma necessidade de obrigação ou não; essa situação produz um efeito emergente que remete ao modo como o sujeito está se sentindo em relação à língua, ou seja, é diferente o sujeito falar uma língua, ou ter apenas algumas recordações na qual lhe fazem lembrá-la; uma música, um livro, etc.

Porém, o fato de a língua não estar mais sendo falada, mas esteja sendo ouvida ou lida, acaba por indicar uma forma de presença confusa e desfeita da língua, a memória passa a ser embaraçosa e o seu lugar no sujeito acaba por ser apenas um passado distante. Dessa maneira vai se iniciando uma situação em que se exerce historicamente o esquecimento. Reafirmando novamente a questão do sujeito inserido na língua, Coracini (2007) explicita:

Apesar da ilusão que de instaura no sujeito, a identidade não é inata e nem natural, mas naturalizada através dos processos inconscientes, e permanece sempre incompleta, sempre em processos, sempre em formação. (p.203)

Mesmo com a necessidade de esquecer a língua materna e precisar se inserir em uma nova língua, cultura; o sujeito passa por um processo de luto já anteriormente citado, mas mal sabe ele que é fruto de múltiplas identificações, imaginárias ou simbólicas, mas com traços do outro. A falta que o sujeito sente de sua cultura faz com que sinta a necessidade de preencher este espaço com outro objeto de desejo, ou seja, sente a necessidade de além da aquisição da nova língua, precisaria também fazer a inserção em uma nova cultura, porém o trabalho de esquecer o passado para inserir-se no novo é improdutivo, pois não é possível essa automatização, esquecer uma língua, uma cultura para inserir-se em outra. O sujeito será entrecruzado entre as duas culturas, mesmo que ela diga: “sou brasileiro” ou “sou italiano”. Sendo assim só poderemos falar em identidade como se ela existisse no imaginário do sujeito que vai aos poucos se construindo entre essa mescla de culturas.

Relembrando a questão da identidade do sujeito, Irala (2008) menciona como “ethos” estrangeiro, ou seja, o papel que o sujeito passa a desempenhar perante a uma língua e

uma cultura que diz não ser a sua. Afirma que a estrangeiridade pode surgir como categoria especificada pelos olhares nativos, tornando assim possibilidades de reaparecer o “estranho”, como aqueles que dizem; “fulano não é daqui, ele não sabe falar como a gente”, e os descendentes de italianos trazem consigo muitas marcas do “ethos” estrangeiro, principalmente quando falam, na realização de ditongos nasais no final das palavras. Porém Irala (2008) reafirma o que diz Payer, não há como determinar um lugar de expressão categórico próprio para o estrangeiro. Nessa perspectiva, relembra-se o que Coracini (2007) nomeia como vários tipos de luto; os descendentes de italianos na realização do luto, no anseio de manter a sua identidade “dita” homogênea, alguns na tentativa de esquecer, outros realizando a ação contrária, resistindo àquela cultura que afirmam não ser a sua e não querer adquiri-la.

Como já foi mencionado, construímos nossa identidade através do nosso discurso, e Philipp (apud Frosi, 2000, p. 93) reafirma: “o idioma falado por uma comunidade constitui o elo mais elementar, mas também o mais forte, entre os seus membros”.

Percebe-se explicitamente a importância do discurso na identidade do sujeito, é ele que dá a sensação de estar inserido em determinado grupo social. E é nesta concepção que Frosi denomina como mescla lingüística, a mescla entre vários sistemas lingüísticos nos diferentes níveis de estruturação. Para melhor exemplificar, poderá haver mescla lingüística quando um ítalo-brasileiro expressa-se em seu dialeto italiano utilizando elementos da língua portuguesa ou em sentido contrário, quando na fala da língua portuguesa utiliza elementos de um dialeto italiano.

Essa questão será especificamente abordada levando em conta a Região de Colonização Italiana (doravante RCI), região essa, em que Nova Palma, no interior do Rio Grande do Sul, pode ser incluída. A mesma poderá ser definida por um multilinguismo dialetal italiano, a contar desde o início da colonização, por volta de 1885. Estudos realizados por Sponchiado (1996) assinalam que os imigrantes italianos residentes hoje no RS, vieram de diversas regiões do norte da Itália, cada um com seu dialeto regional e chegando aqui, foram indicados para suas novas terras obedecendo a critérios de loteamento, sendo ocupadas desde as regiões mais centrais às mais distantes. Agora, enfatizaremos principalmente a Colônia Silveira Martins e mais especificamente a cidade de Nova Palma.

Frosi (2000) ainda ressalta que a mescla lingüística não tem época assinalada pra acontecer, ela acontece de acordo às circunstâncias através da influência de diversos fatores. Sendo assim, de acordo com as informações obtidas, é provável que tenha iniciado ainda muito cedo pela necessidade de se falar a língua portuguesa. Pensando também na situação da história brasileira na época da colonização é prudente pensar que a mescla lingüística ocorreu também por critérios geográficos, pela necessidade de comunicação entre os imigrantes, em decorrência das diversidades dialetais existente entre eles e pelas distâncias não favoráveis entre suas propriedades.

Dialetos esses, que se pode dizer, existiam em situação de sobrevivência em relação à língua portuguesa. Como denomina Frosi (2000), “o sentimento de *italianità* se sobrepõe ao sentimento de *brasilianità*” (p.87,) referindo-se ao entendimento lingüístico, o uso dos dialetos italianos é dominante referindo-se ao uso da língua portuguesa.

Relembrando novamente a situação pela qual passava o Brasil na década de 1930, onde se iniciou a campanha de nacionalização do ensino e da “brasilianização”, tem uma

ênfase muito grande da língua portuguesa em prejuízo da fala dialetal italiana. As comunidades da RCI são afetadas pela proibição de falar italiano e assim recomeça-se a mescla lingüística na identidade da região. Sendo assim, a língua portuguesa adquire prestígio enquanto que a língua italiana é censurada. A fala de língua portuguesa vai se impondo de maneira que o sentimento de *italianità* entra em conflito com o sentimento de *brasilianità*. Essa censura sociolingüística origina inalteráveis formas lingüísticas, entre diversos sistemas lingüísticos. As piadas, por exemplo, reproduzem essas formas lingüísticas.

O ítalo-brasileiro sofre uma dupla censura sociolingüística, indicativa de que a fala italiana é feia e indicativa de ser colono. Já sua fala em língua portuguesa denuncia suas origens; meio italiano, meio brasileiro, pode-se perceber nas palavras de Iotti (apud Frosi). “Non adianta sair da colônia se a colônia non sái da zente. Questo pode explicar uma porçon di cosa que a zente vê por aí em nostro estado do Rio Grande do Sul” (Frosi p. 90). Essas palavras se referem à linguagem do ítalo-brasileiro, e aproximando-as das considerações de Frosi, Santos também traz a visão do colono italiano que existiu e ainda persiste em torno desse processo de estigmatização quase que irreversível em volta do comportamento e da fala dialetal. Até pouco tempo era comum ver essas pessoas envergonhadas do seu sotaque ao falarem a língua portuguesa e serem reconhecidos como colonos, vergonha de suas origens, da sua história, pois reconhecer-se como descendente de italianos era reconhecer o desprestígio social perante a sociedade que via o descendente de italiano como ignorante e ingênuo.

Em consequência disso, em meados de 1950, as crianças das zonas urbanas em sua maioria já não aprendiam mais o italiano como língua materna, inclusive nas zonas rurais isso também já vinha acontecendo e como diz Frosi(2000): “É bem sabido que uma língua morre quando não é transmitida pelos pais a seus filhos. Assim, estudos recentes indicam a mortalidade do dialeto italiano na RCI”(p. 90).

Dessa maneira, a fala dialetal italiana dá ênfase principalmente aos falantes de segunda ou terceira geração nascidos no Brasil, os *ítalo-brasileiros*, de forma direta ou indiretamente são os que sofreram estigmatização sociolingüística. O retorno às origens não é suficiente para que o dialeto italiano resista e dê conta da comunicação nos dias atuais. A fala dialetal italiana está inteiramente mesclada, alterada pela influência da língua portuguesa, que é a língua materna de muitos *ítalo-brasileiros da* região de Nova Palma. Há alguns exemplos citados por Frosi em há o empréstimo da língua portuguesa adaptados à estrutura do dialeto italiano:

Me fa mal al *corasón*. (*corasón* em vez de core)

Mi son compraa un par de *tamank* (*tamank* em vez de zocoi)

Em decorrência de não existir o ditongo nasal no dialeto italiano, a estrutura sintática da palavra *corasón* no português foi adaptada foneticamente de maneira que pudesse ser usado no dialeto italiano. Porém essa mescla lingüística afeta também a fala de língua portuguesa. Os estereótipos criados que até hoje são alvo de piadas, surgiram dessa mescla entre as línguas, onde Santos (2006) faz uma análise do personagem Radicci criado por Iotti, onde ele denomina por *sotacón*, que é a língua portuguesa com sotaque

italiano, utilizando-se de algumas expressões de fácil entendimento do dialeto italiano, como por exemplo:

põ em vez de pão
sõ em vez de chão
tera em vez de terra
sá em vez de chá

Contradizendo com as pesquisas e os estudos realizados até agora temos o depoimento do Padre Luis Sponchiado em Sponchiado (1996), em relação a um povo imigrante referindo-se principalmente aos italianos. “Povo que não preserva a sua história perde a identidade; perdida esta nada mais tem a perder”. O padre ainda acredita que a identidade de um povo é homogênea, constituída por uma única cultura, uma língua, sendo abandonada a possibilidade de uma identidade híbrida do sujeito.

3. Metodologia e análise

Utilizando-me da análise de 3 entrevistas realizadas em áudio digitalizadas realizadas entre outubro de 2007 e março de 2008. Os entrevistados foram avisados de que as respostas deveriam ser em português. As perguntas eram semi-estruturadas e foram divididas por faixa etária; para as pessoas até os 45 anos foi perguntado: se apesar da descendência italiana fala ou entende a língua italiana? Se não fala, teve interesse em aprender? Há algumas palavras italianas que mesmo involuntariamente acaba falando? E quando entrou na escola havia algum professor descendente de italianos que falava alguma coisa em italiano? Há alguma história ou algum fato que aconteceu com você, por você deixar de saber falar italiano morando em uma região onde há muitos descendentes de italianos? Logo para as pessoas com idade superior a 45 anos foi perguntado: sendo seus pais ou avós que vieram para o Brasil, quando aqui chegaram sabiam falar português? Se não sabiam como fizeram para se comunicar aqui no Brasil? Qual foi a primeira língua que você aprendeu a falar? E na escola seus colegas falavam italiano?, E se não falavam entendiam a língua? E em relação a seus filhos, como ensinou eles, a falar português ou italiano? E você acha que você é mais italiano ou mais brasileiro? E como prefere falar, italiano ou português?

Os entrevistados foram divididos em faixa etária para que assim possa se perceber melhor o contraste nos seus discursos, nomeados por “dimensão diageracional” (SANTOS, 2006, p.98), pois é necessário se levar em conta, entre os entrevistados mais velhos, o período do Estado Novo, um período no qual o Brasil era abarcado pelo sentimento de medo e exclusão social por parte dos imigrantes descendentes de italianos, onde se viam forçados a abandonar a língua italiana em prol do uso da língua portuguesa. Sendo assim, acredita-se que as pessoas que viveram nesse período estejam mais propensas a terem a língua e a cultura italiana presentes até os dias atuais no seu cotidiano, ao contrário da segunda geração.

Os nomes dos entrevistados foram substituídos por nomes fictícios por motivo de preservar a identidade dos mesmos.

Valendo-se das entrevistas realizadas, foi analisado o discurso das pessoas entrevistadas, tentando reconhecer ao máximo os traços e as circunstâncias que os denunciam como sujeitos de identidade híbrida. Tendo dessa maneira pessoas que dizem falar as duas línguas sabendo separá-las no momento da fala como para aquelas que dizem não falar a língua italiana e também não possuir influência da língua no discurso de língua portuguesa. Sendo assim, decidiu-se basear nos aportes teóricos dos autores já utilizados.

Vou iniciar minha análise a partir de um recorte realizado na fala de um dos entrevistados, sendo que este faz parte do grupo de idade superior a 45 anos.

Quando pergunto como fez para aprender a falar português, sendo que anteriormente havia relatado que sua língua materna foi o italiano e que seus pais falavam somente o italiano, a entrevistada responde:

Voiced 1 (Natalina)_ Eles me *insinarum* só falá italiano quando era pequena, ma depois veio a lei que *pruibirum* fala italiano, *entom* a minha mãe fico tempo sem sai de casa porque *nom* sabia fala português *entom* quando que eu entrei na aula daí que comecei aprendé a fala português.(...) foi *pur* isso que muita gente, *entom* a[*l*]gum velho que queria fala italiano [*t*]inha que se *escondê* onde ninguém enxergasse porque se encontravam umas comadre conversando italiano eles *ium prendê*, *prendium* porque era proibida a língua italiana no Brasi[*l*].

Logo perguntou-se se ensinou seus filhos a falar italiano:

Voiced 1 (Natalina)_ “*Insinei* falá português, (...) eu falava italiano com a minha sogra mas eu *nom* ensinava eles *falá* italiano. (...) fiquei com medo e daí que fosse continuá aquela lei que era *pruibido* o italiano e *entom* a gente só *ensinô* o português.

Também perguntou-se como se sente hoje, mais italiana ou mais brasileira?”

Voiced 1 _(Natalina) “Mais italiana”.

Percebe-se na fala da entrevistada seu sentimento de medo em relação à sua língua materna, seu receio quando lembra que sua mãe teve de ficar muito tempo em casa, sendo excluída por uma sociedade que não permitia mais a fala dialetal italiana, e o temor que teve em relação a seus filhos quando determinou que iria ensiná-los como língua materna o português porque tinha medo que tudo ocorresse novamente e que tivessem que passar pelo mesmo sofrimento. Vale lembrar que Frosi (2000) relata o período em que passava o Brasil nessa época onde se iniciou a campanha de nacionalização do ensino e a “brasilianização”, As comunidades da RCI foram afetadas pela proibição de falar italiano e assim iniciou-se mais uma mescla lingüística na identidade da região. Onde se pode perceber nas palavras nos momentos em que nomeia a “casa” como o lugar onde ela não precisaria ter vergonha de sua identidade, era o espaço onde ela estaria protegida da nova língua e da nova cultura que estavam sendo implantadas. A entrevistada menciona também que não poderiam falar italiano porque “*iam prendê*”, dessa maneira ela implicitamente se refere ao governo Getúlio Vargas, período do estado novo, em que na

época impôs esta lei, e exigia que no Brasil somente se falasse português. Dessa maneira inicia-se por parte uma mescla sociolingüística a qual afetava a identidade lingüística das pessoas dessa região, e assim já que necessitaram inserir-se nesta nova cultura, não acharam necessário que seus filhos aprendessem a mesma, passando a não ensinar a sua língua materna, com receio de que pudesse novamente ser proibida a fala dialetal italiana no Brasil; e mais uma vez a língua italiana é menosprezada e sofre um enorme desprestígio social perante a população local.

Em consequência desta exclusão lingüística imposta pelo governo da época, hoje os efeitos são evidentes, como por exemplo, a falta de interesse pela língua italiana de muitos descendentes de imigrantes moradores hoje em uma comunidade que ainda têm a fala dialetal italiana presente no dia-a-dia. Para a entrevistada do grupo de pessoas com idade inferior a 45 anos perguntou-se se por ser descendente de italianos fala ou entende a língua italiana e se não fala e tampouco entende, se tem interesse em aprender?

Voiced 2 (Bianca) “não falo nem entendo nenhuma palavra italiana(...) mas interesse mesmo eu nunca tive, porque eu acho assim a língua italiana uma língua muito com palavras muito rústicas, parece assim um modo de falar muito grosseiro.”

Logo pergunta-se como faz para comunicar-se com algumas pessoas residentes na região que não realizam seu discurso totalmente em português, os quais possuem muitos traços italianos durante a fala?

Voiced 2 (Bianca) “Tem sempre um caso que acontece, que é uma família de italianos mesmo que mora perto da minha casa que daí durante uma conversa assim eu acabo não entendendo nada do que eles tão conversando, eu apenas concordo ou discordo, mas sem sabê o que eles tão comentando. (...) às vezes algumas palavrinhas no meio da conversa à gente entende, mas nada que seja muito claro né.”

Novamente confirma-se o que diz Frosi, que uma língua morre quando não é transmitida pelos pais a seus filhos, demonstrando desta forma que a estigmatização sociolingüística sofrida há muito tempo traz resultados drásticos até hoje, a falta de interesse por uma língua tão próxima presenciada frequentemente, e além da falta de interesse certo desprezo se dá quando diz que a língua possui palavras um pouco grosseiras.

Porém para as pessoas que viveram esta época de repressões lingüísticas (pessoas com idade superior a 45 anos) e se viram forçadas a aprender o português, hoje elas acreditam ter adquirido a língua estrangeira e saber separá-las no momento da fala, pensam ter isso de maneira consciente e dizem saber falar o português separadamente da língua italiana. Perguntou-se se fala ou entende a língua italiana.

Voiced 3_(Camila) “falo, falo italiano, má já mi isquici muito, porque dá minha época, depois só vo[l]to a fala im português, nom aceitavum que eu falasse italiano, nem na aula, nem na catequese, entom pra mim ficava ma[l], (...)entom quando cheguei na catequese assim que [t]inha as catequista pra mi insiná elas não aceitaram as orações italiano, só aceitaram aquelas in português(...)

A senhora sabe separar o italiano do português?

Voiced 3_(Camila) Nom eu separo, porque eu tenho visita que vem aqui e fala tudo in português i tenho as otras que vem i falam tudo im italiano, intom eu tenho que acompanha conforme a pessoa né.

A senhora tem algum fato ou alguma história pra contar das suas raízes italianas?

Voiced 3 -(Camila) “(..) sempre me go recorda parlare talián e [r]espeita italiano do jeito que eu pu[d]ia(..)”.

E se a senhora pudesse escolher, como prefere falar?

Voiced 3_(Camila) Português, agora já me acostumei (...) de veiz im cuando eu falo italiano tamem.

E hoje, como é o seu sentimento, a senhora se sente mais italiana ou mais brasileira?

Voiced 3_(Camila)“ha eu me sinto mais brasilera,(..) ma eu gosto di iscuta as pessoa faze recordare cuando que se parlava tuto in talián, tuto in sieme, giera tanto belo que no so.

E como ensinou seus filhos a falar italiano ou português?

Voiced 3 (Camila) “Olha eu insinei bastante italiano, ma o mais era im português.”

Mas a senhora não gostaria que eles aprendessem a falar as duas línguas?

Voiced 3(Camila) “Eu gostava i bastante, ma as pessoa que me iscutava eu falá italiano com os meus filhos eles não gostava, (d)iz que ficava feio, que a língua italiana nom era bonita.”

Do mesmo modo que Frosi expõem o desprestígio lingüístico, mais uma vez vem à tona os resultados da campanha de nacionalização do ensino e da “brasilianização”, a língua portuguesa sendo fortemente conceituada em detrimento da fala dialetal italiana. Mesmo após afirmar saber separar as duas línguas, imaginando tê-las no seu plano consciente, seu discurso a denuncia como sujeito híbrido e de identidade heterogênea. No momento em que descreve o seu sentimento em relação a sua identidade, diz sentir-se mais brasileira, mas ao mesmo tempo em que afirma isto deixa marcas explícitas de um sentimento contrário, pois está presente em seu discurso algumas palavras da fala dialetal italiana, comprovando então o que diz Frosi, seu sentimento de “italianitá” sobrepõe-se ao de “brasilianitá”. Além deste, confirma o que diz Coracini, a necessidade de “enterrar o morto” ou seja sua língua materna, para poder adquirir a nova língua, e conquanto que os

mortos podem ser mais poderosos e também mais perigosos e, ainda que fantasmática e (im)possibilidade, de sua “vinda”, de seu “aparecimento”. Ao mesmo tempo a censura lingüística origina mais uma mescla lingüística na identidade das pessoas que tinham a fala italiana como língua materna.

4. Considerações finais

Através das entrevistas realizadas com moradores da cidade de Nova Palma, cidade onde a fala dialetal italiana ainda é muito presente nas pessoas com idade superior a 45 anos, as quais vivenciaram um período de repressões lingüísticas e culturais, pode-se perceber a marcas deixadas pelo tempo. Acreditar ser brasileiro ou ser italiano lhes parece uma questão de escolha. Uma identidade heterogênea é negada por alguns, pensam eles terem conseguido deixar as “raízes” italianas de lado e conseguir incorporar agora a identidade de brasileiros, ao contrário os que acreditam ainda hoje serem italianos, desconsiderando o tempo em que vivem no Brasil, pensando ainda em uma identidade unicamente homogênea. Em contrapartida não se pode esquecer do sentimento áspero deixado pela língua italiana nos descendentes de segunda e terceira geração, levando-os a ter uma repulsão pela língua.

Entende-se assim que nenhum sujeito possui uma identidade homogênea, e embora muitas vezes afirmemos isso, jamais poderemos definir nossa identidade como não-híbrida e tampouco que possui traços culturais e lingüísticos de diferentes âmbitos. Ao contrário, nossa identidade está sempre em construção e influenciada constantemente pelas inúmeras línguas e culturas que nos cercam.

5. Referências bibliográficas

CORACINI, Maria José R.F. Discurso de imigrantes: trabalho de luto e inscrição de si. In: KLEIMAN, Ângela & CAVALCANTI, Marilda (orgs.). *Lingüística Aplicada: suas faces e interfaces*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

FROSI, Maria Vitalina. Os dialetos italianos no RS; convivência e mescla lingüística.. 83 a 98. In: CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário.(orgs.) *Raízes italianas do RS 1875-1997*.. Passo Fundo: UPF, 2000. 177p.

IRALA, Valesca Brasil. Desde el Uruguay hacia Brasil – daqui, dali, de lá. *Anais eletrônicos do XV Congreso Internacional de Lingüística y Filología de América Latina*, 2008.

PAYER, Maria Onice. Memória da língua e ensino – modos de aparecimento de uma língua apagada no trabalho do esquecimento. *Organon* 35. vol. 17, número 35, 2003.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidade, atitudes lingüísticas e manutenção do bilingüismo. In: LIMA, Pôster

Marília dos Santos; FONTANA, Niura Maria (orgs). *Língua estrangeira e segunda língua: estudos descritivos*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2006. p. 69 -112

SPONCHIADO Breno Antonio; *Imigração Quarta colônia: Nova Palma e Pe Luizinho/ Breno Antonio Sponchiado* – Nova Palma: Paróquia Santíssima; Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Pró Reitoria de Extensão, 1996.